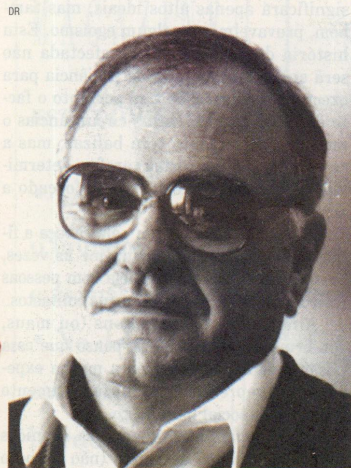


NÓS, OS QUE NUNCA MILITAMOS

Quase todos eles têm intervenção política e social. Escrevem nos jornais, ligam-se a candidatos presidenciais, fazem "lobby". Mas não são militantes de nenhum partido. Preferem guardar ciosamente a sua independência, de que fazem gala e que apregoam. Dizem, quase todos, que se sentiriam menos livres se estivessem dentro de um partido. Outros, que a sua intervenção social lhes exige uma independência com que a obediência a uma qualquer disciplina dificilmente se coadonaria. Mesmo assim dizem-se de esquerda ou de direita, gostam de ser ouvidos e têm as suas "causas". Nos depoimentos que a seguir publicamos explicam porque preferem estar longe dos partidos sem se afastarem da política.

VICTOR CUNHA REGO



Victor Cunha Rego, director do "Semanário", passado político de grande empenhamento antes e logo depois do 25 de Abril. Mas isso pertence ao passado. Desde há anos recusa da militância partidária. "A

militância partidária atrai-me... mas não esta militância partidária, em Portugal", é o seu primeiro desabafo.

"Os partidos políticos detêm grande parte do poder, mesmo o poder económico e social, mas, no seu interior, cultiva-se a apatia perante tudo o que não seja possível de alcançar pela via pragmática. E, dentro desse mesmo pragmatismo, cultiva-se sobretudo o privilégio.

A questão está em saber se se quer viver a política como uma paixão, e esta tem de ser sempre moral, ou como um acto de pura racionalidade.

Se o racionalismo prevalecer, e porque o poder é essencial à política — como é essencial a todas as coisas vivas —, a opção terá de ser pela militância partidária.

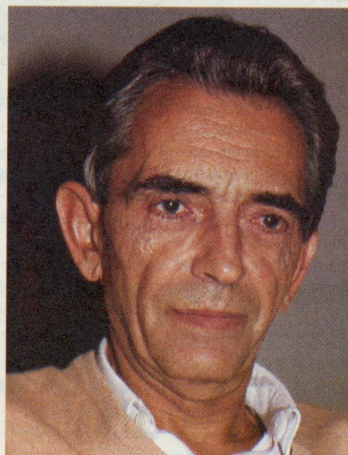
Se o romantismo conseguir, como está a acontecer, reocupar um espaço no discurso filosófico — sobretudo depois da queda do marxismo —, pode e deve agir-se fora dos partidos onde, neste momento, é praticamente impossível fazer passar os sentimentos à frente dos interesses. ■

LUIS RAMOS



JOÃO MARTINS PEREIRA

CARLOS LOPES



João Martins Pereira, 58 anos, engenheiro, escritor. Como director do jornal "Gazeta da Semana", em 1976, teve a sua hora de militância.

activa e apaixonada. A preocupação política, apesar de tudo sempre presente, expressa-a numa tentativa de diálogo em forma de livro: "Pensar Portugal, Hoje", "No Reino dos Falsos Avestruzes", "O Dito e o Feito", outros.

"Nunca fui militante de nenhuma organização, em particular partidária, acima de tudo por ser um espírito talvez demasiado crítico, talvez demasiado independente — embora não goste muito desta expressão, cada vez mais suspeita, já que cada partido tem hoje os seus independentes...

Por que é que um espírito crítico aceita mal a militância? Porque aquilo a que geralmente se chama militância é um empenhamento muito grande em tarefas quase sempre pouco estimulantes, mas necessárias, que não se pode estar a toda a hora a pôr em questão: para que servem, como se articulam com os grandes objectivos ou com os grandes ideais, quem as manda executar, etc., etc. O militante típico aceita essas tarefas em nome de um ideal geral e de uma confiança quase absoluta no aparelho que o traduz em acções. O militante não discute: acredita. Ou, mais prosaicamente e em muitos casos, acredita que o bom desempenho dessas tarefas é o preço da sua ascensão futura. >>

>> É claro que isto é assim porque as organizações partidárias carecem de democracia interna. Ou funcionam como igrejas — caso do PCP — ou como estruturas de promoção política e, num caso ou noutro, aceitam mal o debate de ideias. Sucede que sempre foi o debate de ideias o que me interessou na política; daí ser avesso às organizações.

Mas há também outros tipos de militância, como a que se gera em torno de projectos concretos, de menor ambição e a mais curto prazo: um grupo de teatro, uma associação cultural ou recreativa, uma acção em defesa de certos direitos que estão a ser ignorados ou violados, uma luta sindical (sobretudo num pequeno sindicato)... Aí, penso que, por serem os objectivos mais precisos, as tarefas mais próximas deles e os grupos mais pequenos, a militância é, de algum modo, mais genuína e, por certo, menos interessada. No meu caso, se alguma militância tive alguma vez, terá sido neste campo, nos breves meses que durou a "Gazeta da Semana".

De qualquer modo, com excepção dos que fazem da militância apenas uma forma de carreira, sem convicção nem ideais, tenho o maior respeito pelos militantes anónimos, tantas vezes manipulados no seu entusiasmo, mas capazes de se entregar generosamente ao que julgam ser um puro ideal e tantas vezes não passa de uma teia em que acabam, um dia, por perder as ilusões. ■

JOSÉ MARIANO GAGO

ALFREDO CUNHA



José Mariano Gago, 42 anos, nascido e criado com a geração de 68, professor do IST e director do Laboratório de Instrumentação e Física das Partículas, ex-presidente da JNICT. A questão da militância partidária já nem se lhe põe.

Há um problema na resposta a este tipo de perguntas. Sendo a resposta necessariamente individual e intransmissível, sem intenção de generalizar ou de passar por norma desejável, o leitor pode tender a interpretar o que é individual apenas como desejo de partilha de atitudes, isto é, como exemplo a seguir ou a combater. Mas não é nada disso. Partindo deste aviso prévio impregnado de individualismo, tenho a dizer que a questão de estar em partidos políticos não se me pôs, até hoje. Porquê? Talvez por feito e por formação. As acções em que me tenho empenhado e que, de facto, me apaixonam, são de natureza cívica e exigem movimentos alargados (a educação, a ciência, em particular). Em todas elas, a acção dos partidos políticos é essencial, mas não exclusiva, antes privilegia a acção de protagonistas independentes. ■

PEDRO FERRAZ DA COSTA

ALFREDO CUNHA



Pedro Ferraz da Costa, presidente da CIP, de quem se fala muitas vezes que vai "entrar na política", que tem uma real influência política, mas que até à data nem sequer aceitou integrar nenhum partido. Tal não impede que ciclicamente seja dado como o inspirador de um novo partido da direita.

Em relação aos primeiros partidos que surgiram com alguma dimensão, sempre me fez alguma impressão o ar ligeiro e, na minha opinião, relativamente leviano com que encaravam os acontecimentos, nessa altura. Talvez por isso nunca me atraíram. A partir do momento em que me envolvi fortemente no movimento patronal, a hipótese também nunca se pôs porque sempre achei, claramente, que não são coisas compatíveis.

E quanto mais o tempo passa, mais acho que são incompatíveis. Não há da parte dos governantes, em Portugal, grande facilidade em aceitar pontos de vista diferentes ou outras opiniões. Se as posições que nós temos de defender ainda por cima tivessem a carga negativa suplementar de poderem ser conotadas com posições partidárias de outros partidos, isso tornava o nosso trabalho improdutivo.

No entanto, aceitaria perfeitamente a disciplina partidária, desde que as regras fossem claras. No dia em que não aceitasse, saía. Agora, os jogos que alguns fazem — serem eleitos porque entraram num partido e depois tornam-se independentes —, isso, eu acho que não pode ser.

Sobre as intenções que às vezes me atribuem, não tenho comentários a fazer. A não ser que eu próprio ficaria muito surpreendido se isso acontecesse. ■

ANTÓNIO ALÇADA BAPTISTA

"Como muitos da sua geração, entendeu que a tomada do poder seria o primeiro passo adequado à remoção das

incomodidades e que assim o género humano seria obrigado a ser feliz. Hoje sabia que só o merecimento do homem o poderia levar um dia a libertar-se de tudo — até do poder —, mas essas coisas passavam-lhe pela cabeça umas vezes em forma de descrença, outras como o fogo da esperança." Em "Os Nós e os Laços", assim define António Alçada Baptista a atitude política de Pedro, seu "alter ego". Com 63 anos, administrador da Fundação Oriente, o escritor mantém a sua coerência apartidária.

LUIS DOREY



A política apenas me interessa numa perspectiva ética. Intervenho — civicamente — quando a liberdade está em perigo. Foi assim antes do 25 de Abril, foi assim depois. Fui anticomunista (como seria antinazi) quando se apresentava a possibilidade do comunismo. Tomei uma posição de direita, como director do jornal "O Dia", e apoiei o CDS, por entender que a liberdade corria riscos se fosse proibido um espaço de direita. Essas atitudes tornaram-se desnecessárias à medida que a vida política entrou na normalização. Do mesmo modo, apoiei a candidatura de Mário Soares — quando as sondagens lhe davam oito por cento dos votos —, por entender que, naquele momento, ele representava a segurança e a liberdade.

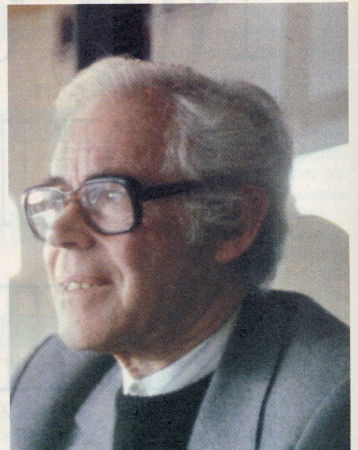
Depois da eleição fui sondado para entrar para o PS e recusei, tal como tinha recusado um convite para secretário de Estado da Cultura (no governo de Nobre da Costa). O uso do poder não me interessa; o poder sempre foi redutor e é-o cada vez mais. Veja-se a falta de qualidade da classe política. Com raras excepções, a Assembleia é constituída por tipos que não têm jeito para mais nada...

Espírito individualista? Também, no sentido da necessidade de um regresso à pessoa concreta. A acção política e os compromissos partidários são extremamente manietadores, reduzem a pessoa à função. Vão-se os militantes, ficam os funcionários: há uma desmobilização e uma desmotivação progressivas.

O único partido que me interessaria — como votante, não como militante — seria um partido de tipo liberal. Mas, hoje, o problema da liberdade já não se põe. E existem instituições de solidariedade onde posso exercer uma acção cívica mais importante e, até, mais operante do que numa estrutura política. ■

AUGUSTO ABELAIRA

LUIS RAMOS



Augusto Abelaira, 64 anos, escritor, cronista no semanário "O Jornal". Militou no MUD Juvenil. Mas as condições políticas da época (regime de partido único em Portugal, logo a seguir à Segunda Guerra Mundial) e as características do próprio movimento, que funcionou como aglutinador das diferentes correntes de oposição a Salazar, impedem que se considere essa como uma experiência partidária.

Porque é que não estou num partido? Em primeiro lugar, porque tive sempre a impressão (e isto vem numa certa experiência que tive em algumas actividades conjuntas durante o fascismo, quando era jovem) de que a minha liberdade ficaria limitada. Esta atitude não significará apenas altos ideais, mas também, provavelmente, algum egoísmo. Esta história de a liberdade ser afectada não será antes alguma falta de paciência para executar tarefas? Não é só portanto o facto de saber que em certas circunstâncias o meu comportamento terá balizas, mas a certeza de que há certas tarefas, determinadas maças, que me verei forçado a aceitar.

É claro que me passou pela cabeça a filiação partidária. Isso seduz-me às vezes, porque permite a convivência com pessoas fora do círculo normal dos meus contactos.

Ainda hoje, em dias bons (ou maus, conforme a perspectiva...), penso que essa possibilidade enriqueceria a minha experiência e representaria um investimento num campo social mais vasto.

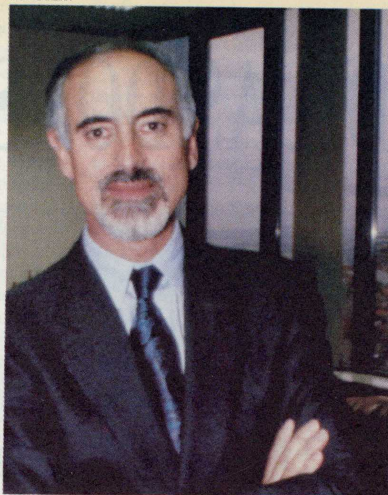
Mas depois imagino aquelas reuniões duma não sei quê de bairro (não conheço bem o funcionamento dos partidos) onde o militante tem de ir uma vez por semana, ou de quinze em quinze dias. Ponho na balança as duas coisas e a minha preguiça conduz-me a não dar o passo. Não posso dizer que seja uma questão resolvida dentro de mim, mas já com 64 anos de idade será a minha irmã da foice à espera quem acabará por resolver um problema não resolvido. ■

PROENÇA DE CARVALHO

Proença de Carvalho empenhou-se na política por diversas vezes. Foi presidente da RTP, ministro do Governo de iniciativa presidencial chefiado por Mota Pinto. Foi o estratega da candidatura de Freitas do Amaral, em 1985. Dele se fala sempre que um futuro "partido liberal" ou uma corrida presidencial são mencionados.

Fui militante de base do Partido Socialista a seguir ao 25 de Abril de 1974 e não estou arrependido. O PS nessa época conturbada exerceu um papel moderador e lutou pela instauração da democracia, contra as ameaças comunis-

LUSA FERREIRA



tas tuteladas política e militarmente pelo MFA.

Depois, no início de 1976, saí do PS pela simples razão de que assumi a direcção de um jornal ["O Jornal Novo"] e quis exercer esse cargo com total independência, o que julguei incompatível com a vida partidária.

Desde então, e embora tenha sido convidado em várias oportunidades, decidi manter-me independente. Por várias razões, umas mais conscientes que outras, mas nenhuma delas por desconsideração dos partidos, que reconheço essenciais ao regime democrático.

Gosto da independência, sinto-me livre e descomprometido nas minhas opiniões e decisões, o que não sucederia se pertencesse a qualquer partido, já que também sou cumpridor das regras e disciplinado. E como não alimento ambições políticas, não tenho motivação para me inscrever partidariamente. Para além de que nenhum dos partidos tem uma prática política com a qual me identifique em grau suficiente para me tentar. ■

Pessoas,
lugares
e memórias
do nosso
tempo.
As cores
do mundo
em revista
numa revista
a cores.

PÚBLICO
MAGAZINE

ESTE DOMINGO

- Eanismo,
o homem
e as máscaras
- No deserto
saudita e a
bordo da
fragata
portuguesa:
a reportagem
e as imagens

Hoje

Um Filme de JIM JARMUSCH



O COMBOIO MISTÉRIO

Uma viagem
através de culturas,
experiências e emoções.

JVC Apresenta Uma Produção MTI Um Filme de JIM JARMUSCH "MYSTERY TRAIN"
Com YOUKI KUDOH MASATOSHI NAGASE SCREAMIN' JAYHAWKINS CINQUÉ LEE NICOLETTA BRASCHI
ELIZABETH BRACCO JOE STRUMMER RICK AVILES STEVE BUSCEMI TOM NOONAN
Produtores Executivos KUNJIRO HIRATA HIDEAKI SUDA Linha de Produção de RUDD SIMMONS Produtor Associado DEMETRA MacBRIDE
Fotografia de ROBBY MÜLLER Música de JOHN LURIE Montagem de MELODY LONDON
Produção de JIM STARK Argumento e Realização de JIM JARMUSCH

LUSOMUNDO

MAIORES DE 12 ANOS Q

ESTREIA ÀS MATINÉES

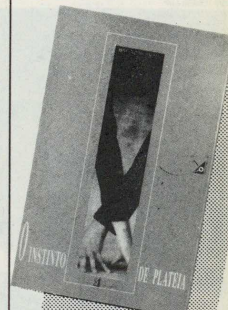
QUARTETO 1

ALFA CLUBE

AMOREIRAS 7

Colecção

GRAND ANGULAR



**O INSTINTO
DE PLATEIA**
Alfredo Correia Soeiro



**ARTE E
COMPUTADOR**
Abraham Moles



**FAMÍLIAS
E COMO (SOBRE)
VIVER COM ELAS**
Robin Skinner
John Cleese

ADQUIRA-OS NA SUA
LIVRARIA



EDIÇÕES AFRONTAMENTO
R. Costa Cabral, 859 - 4200 PORTO
Tel. 489271 - Fax 491777